



pelos mares da
língua
portuguesa 4

EDS.

ANTÓNIO MANUEL FERREIRA

CARLOS MORAIS

MARIA FERNANDA BRASETE

ROSA LÍDIA COIMBRA





pelos mares da
língua
portuguesa 4

EDS.
ANTÓNIO MANUEL FERREIRA
CARLOS MORAIS
MARIA FERNANDA BRASETE
ROSA LÍDIA COIMBRA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Pelos Mares da Língua Portuguesa 4

EDITORES

António Manuel Ferreira
Carlos Morais
Maria Fernanda Brasete
Rosa Lúcia Coimbra

EDITORIA

UA Editora
Universidade de Aveiro
Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia

EDIÇÃO

1.ª edição – dezembro de 2019

ISBN

978-972-789-624-0

GRAFISMO

Grafismos sobre uma imagem criada por Álvaro de Sousa
Arranjo gráfico de Diogo Henriques

APOIOS

universidade de aveiro  dlc departamento de línguas e culturas
cllc centro de línguas, literaturas e culturas

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

FUNDAÇÃO
MÁRIO SOARES

AVEIRO
CÂMARA
MUNICIPAL

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

Nota de abertura

O IV Congresso Internacional “Pelos Mares da Língua Portuguesa”, que teve lugar na Universidade de Aveiro, situou-se entre dois marcos importantes para a língua portuguesa: o dia do autor português, a 22 de maio, e o dia de África, a 25 de maio. Pretendeu-se, assim, na linha das três edições anteriores, sublinhar a importância da língua portuguesa como meio de comunicação intercultural.

O programa do congresso incluiu conferências plenárias, mesas-redondas, comunicações livres, pôsteres, exposições, distribuídas por quatro painéis temáticos: 1. Pelos mares de África; 2. Pelos mares da América; 3. Pelos mares da Europa; 4. Pelos mares do Oriente. Nesses quatro painéis foram focados os seguintes tópicos: o português, uma língua de comunicação e culturas; diversidades linguísticas, culturais e literárias; a língua portuguesa na era digital; geografias da língua portuguesa – redes de ensino (língua materna, língua segunda, língua estrangeira, língua de herança); roteiros da língua portuguesa (museológicos, científicos, turísticos, literários); diálogos interartes (cinema, música, ilustração, fotografia, pintura, etc.); a língua portuguesa em diálogo com outras línguas; vozes literárias em língua portuguesa: textos, contextos e intertextos; a língua portuguesa nos negócios e na diplomacia.

Da Comissão Científica do evento, para além dos organizadores, fizeram ainda parte os professores Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT/AML, Brasil), Alberto Sismondini (Universidade de Coimbra), Álvaro Iriarte Sanromán (Universidade do Minho), Ana Paula Arnaut (Universidade de Coimbra), Andrés J. Pociña López (Universidad de Extremadura, Espanha), Andrés Pociña (Universidad de Granada, Espanha), António Fernando Cascais (Universidade Nova de Lisboa), Aurora López-López (Universidad de Granada, Espanha), Benjamin Abdala Júnior (Universidade de São Paulo, Brasil), Carlos Ascenso André (Universidade de Coimbra / Instituto Politécnico de Macau), Catarina Xu (Universidade de Línguas Estrangeiras de Xangai, China), Cristina Martins (Universidade de Coimbra), David Gibson Frier (University of Leeds,

UK), Elisabeth Battista (UNEMAT, Brasil), Fernanda Cavacas (Ensaísta), Fernando Curopos (Sorbonne Universités, França), Fernando Venâncio (Universiteit van Amsterdam, Holanda), Flavia Maria Corradin (Universidade de São Paulo, Brasil), Francisco Maciel Silveira (Universidade de São Paulo, Brasil), Francisco Topa (Universidade do Porto), Inês Cardoso (York University, Toronto, Canada), Isabel Falé (Universidade Aberta, Lisboa), Isabel Roboredo Seara (Universidade Aberta, Lisboa), João Manuel Nunes Torrão (Universidade de Aveiro), João Nuno Corrêa-Cardoso (Universidade de Coimbra), João Paulo Silvestre (King's College, Londres, UK), José Teixeira (Universidade do Minho), Kathrin Saringen (Universität Wien, Áustria), Luís Filipe Barbeiro (Instituto Politécnico de Leiria), Lurdes de Castro Moutinho (Universidade de Aveiro), Marisa Mendonça (Diretora Executiva do Instituto Internacional da Língua Portuguesa), Martin Neumann (Institut für Romanistik, Universität Hamburg, Alemanha), Martins Mapera (Unizambeze, Moçambique), Miguel Gonçalves (Universidade Católica, Braga), Nobre Roque dos Santos (Unizambeze, Moçambique), Olga Maria Castrillon-Mendes (Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil), Rolf Kemmler (UTAD, Vila Real), Simone Caputo Gomes (Universidade de São Paulo, Brasil), Solange Fiuza (Universidade Federal de Goiás, Brasil), Sónia Catarina Gomes Coelho (UTAD, Vila Real), Tania Celestino Macêdo (USP, Brasil), Tania Martuscelli (University of Colorado Boulder, EUA), Vera Maquêa (Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil) e Xavier Frias Conde (UNED, Espanha).

As comunicações apresentadas, após uma revisão científica por pares, deram origem a duas publicações da responsabilidade dos mesmos elementos que integraram a Comissão Organizadora do evento, o presente *ebook* e um volume, pela editora Peter Lang, intitulado *Pelos Mares da Literatura em Língua Portuguesa*.

Os editores

Índice

- 11 Adrianna Machado Meneguelli
O roteiro poético-visual de Murilo Mendes
- 17 Aline Bazenga & Lorena Rodrigues
Usos do clítico *lhe* em variedades do português
- 35 Andrés José Pociña Lopéz
Fontes do léxico do crioulo caboverdiano
- 45 Angelina Paulino Comé
Desvios gramaticais dos alunos moçambicanos em Língua Portuguesa: norma(s) de língua em uso e estratégias de ensino
- 63 Angelina Comé, Josefina Caetano Ferrete & Tomásia Mataruca Nhazilo
O Ensino do PLE em Moçambique: referências
- 77 Ângelo Ferreira & António Neto-Mendes
A timoridade pela língua portuguesa: o caso do Externato de São José durante a ocupação indonésia
- 97 Benjamin Abdala Junior
Liberdade e censura nos periódicos dos tempos coloniais, a partir de *O signo da ira* (Orlando da Costa) e de *Luuanda* (Luandino Vieira)
- 103 Carlos Rodrigues, Ana Grifo & Emanuel Leite Jr.
Panorama da investigação em Políticas Públicas na CPLP
- 123 Catarina Santos, Jorge Costa Lopes & Paula Cristina Isidoro
Vergílio Ferreira: da minha língua vê-se a montanha
- 133 Cleide Inês Wittke & Jossemar de Matos Theisen
Desenvolvimento da competência de escrita através de gêneros textuais
- 147 Cristina Vieira da Silva & Cláudia Andrade
Os recursos digitais ao serviço do ensino e aprendizagem da gramática
- 163 Danuza Américo Felipe de Lima
A Crónica 1344 e seu construtor de passados: visita à produção de Dom Pedro de Barcelos

- 175 Danuza Américo Felipe de Lima & José Luís Pires Laranjeira
A criouliidade na obra de José Eduardo Agualusa
- 181 Delfim Correia da Silva
Viagem da Língua Portuguesa pelo mar “susegad” de Goa: Uma breve perspetiva histórica e sincrónica do estado dos Estudos Portugueses
- 201 Dina Maria Silva Baptista & Sónia Catarina Lopes Estrela
Os desafios da comunicação digital nas PME
- 219 Djair Rodrigues de Souza
O papel da Biblioteca frente à queda de público leitor
- 223 Edyta Jablonka
O omnipresente inglês: moda ou necessidade?
- 235 Eliete Sampaio Farneda & Marina Nédio
A abordagem comunicativa através de gêneros textuais no processo de ensino de Português Língua Estrangeira
- 245 Elisabeth Battista
“Sem o direito fundamental de voltar para casa”: Maria Archer – uma autora portuguesa no exílio
- 257 Emanuel Madalena
Fazer no silêncio catedral: a leitura e a escrita em Jesusalém, de Mia Couto
- 275 Fernando Venâncio
Luís de Camões e Luís Fróis: o Oriente como espaço de renovação para a língua portuguesa
- 283 Filipa Filipe
Pelos mares da América: uma aprendizagem contextualizada da Língua Portuguesa nos Estados Unidos da América
- 297 Giselle Menezes Mendes Cintado
Uma interação sociolinguística através da Gramática Comunicativa com universitários em aulas de PLE: alguns casos de estudo no sul da Andaluzia
- 305 Helena Maria da Silva Santana & Maria do Rosário da Silva Santana
O sonho e a Arte reditos na magia de uma obra: *As Feiticeiras* de António Chagas Rosa e Maria Teresa Horta
- 317 Inês Costa
***Granta África*: uma leitura pós-colonial**
- 339 Irene Mendes
O léxico em textos jornalísticos: da morfologia à semântica

- 343 Isabelle Simões Marques
Navegando pelas línguas: interculturalidade e plurilinguismo literário
- 351 Jerónimo Simão, Hildizina Norberto Dias & Luísa Álvares Pereira
Competências de leitura e escrita em alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico em Moçambique
- 373 José Teixeira
Decálogo de clichês mais ou menos enganadores sobre a língua portuguesa
- 389 Jossemar de Matos Theisen & Cleide Inês Wittke
Estudos dos letramentos: letramento digital e leitura *online* na universidade
- 397 Julio Reis Jatobá
Uma China de distância: a cultura dos PLP em materiais didáticos para o Ensino de PLE
- 411 Juvêncio Sidumo, Ana Margarida Ramos & Martins Mapera
Estratégias de Intervenção intercultural no ensino da Língua Portuguesa em Moçambique
- 429 Kathrin Saringen
Pelos mares do filme lusófono: Navegando, Naufragando, Narrando
- 441 Luciene Lages Silva
Memória, ficção e história na configuração das terras brasileiras por Luiz dos Santos Vilhena
- 453 Luís Filipe Barbeiro
Aprender Língua Portuguesa: do mar de possibilidades aos rochedos de incorreções
- 471 Lurdes de Castro Moutinho & Rosa Lídia Coimbra
Sociolinguística urbana: um estudo de caso na cidade do Porto
- 483 Manuella Bezerra de Melo
Breviário do Brasil de Agustina-Bessa-Luís: um contributo para a manutenção do olhar colonizador e eurocêntrico no espaço lusófono
- 493 Maria da Nazaré Marques Cardoso, Cecília de Lurdes Falcão & Cláudia Susana Nunes Martins
Os cinco sentidos no diálogo idiomático do Português Europeu com Línguas Estrangeiras
- 507 Maria do Carmo Mendes
“O oceano parece um grande lago”: o mar e a diáspora cabo-verdiana
- 515 Maria João Macário, Cristina Manuela Sá & Cristina Vieira da Silva
Relações entre o Português europeu e as suas variedades internacionais: um estudo com futuros profissionais da Educação

- 531 Maria João Marçalo & Cecília Santanchè
A criação do contexto para o ensino do PLA
- 543 Maria José Dias
Maria Velho da Costa: um mistério glososo
- 553 Maria José Coracini
Linguagem-Trauma e resistência: o caso de moradoras de rua
- 561 Martins José Chelene Mapera
Rir junto é um abraço pelos mares da Língua Portuguesa
- 571 Matilde Gonçalves & Rute Rosa
O suporte digital na leitura e compreensão textual
- 589 Renata Junqueira de Souza, Daniela Maria Segabinazi & Jhennefer Alves Macêdo
Ensino de literatura e letramento literário: as estratégias metacognitivas de leitura e a formação de leitores
- 607 Rosana Baptista dos Santos
Apontamentos sobre o fantástico nos contos de Murilo Rubião e de Mário de Carvalho
- 615 Sérgio de Carvalho Rodrigues
A Identidade Nacional na Poesia de Agostinho Neto: “O Içar da Bandeira” e “A voz Igual”
- 627 Sílvia Ribeiro
Se decausativo em PB e em PE: entre a manutenção e a perda
- 643 Simião Alberto Muhate
Abordagem mitocrítica dos répteis prenunciadores da morte no grupo etno-linguístico dos varhonga
- 659 Tomásia Alícia Mataruca Nhazilo
Representações sociolinguísticas do Português na sua aprendizagem como L2
- 675 Wenjun Gu
Pronomes clíticos na aprendizagem de PLE: um estudo empírico sobre a sua produção por falantes de chinês
- 689 Xavier Frias Conde
O galego dentro do padrão português

Relações entre o Português europeu e as suas variedades internacionais: um estudo com futuros profissionais da Educação

MARIA JOÃO MACÁRIO

LEIP/CIDTFF, Universidade de Aveiro

CRISTINA MANUELA SÁ

LEIP/CIDTFF, Universidade de Aveiro¹

CRISTINA VIEIRA DA SILVA

CIPAF, Escola Superior de Educação Paula Frassinetti /
CIEC, Universidade do Minho²

Contextualização do estudo

O estudo que aqui apresentamos assenta em dois eixos: por um lado, a importância de formar para o ensino da língua portuguesa (LP) na sociedade do século XXI; por outro lado, a influência das representações sociais sobre essa mesma língua no contexto do seu ensino e aprendizagem.

Iniciamos esta contextualização partindo das recomendações provenientes de áreas como as Ciências da Educação (cf., por exemplo, Perrenoud, 1999) e as políticas educativas (cf., nomeadamente, Comissão Europeia, 2007), passando também pela economia (World Economic

¹ Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/CED/00194/2019.

² Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com a referência UID/CED/00317/2019.

Forum, 2016). Todas consideram essencial a aposta no desenvolvimento de competências como a autonomia e a iniciativa, a criatividade e a inovação, a curiosidade e a liderança, a persistência, a resistência à frustração e a adaptabilidade, bem como a capacidade de resolver problemas complexos, a aptidão para colaborar e comunicar e a sensibilidade às dimensões sociais e culturais em que o domínio linguístico desempenha um papel central. Estas recomendações advêm da constatação de que, no mundo atual, estamos imersos em informação que a todo o momento circula em diferentes formatos e suportes. Esta realidade exige indivíduos que saibam comunicar oralmente e por escrito, de modo a conseguirem dar resposta às exigências atuais. Neste contexto, o domínio da língua materna (LM) é basilar, tal como preconizado, no contexto da LP e do seu ensino/aprendizagem, nos recentes *Programas e Metas Curriculares de Português para o Ensino Básico* (Buescu, Morais, Rocha & Magalhães, 2015).

Dominar as competências linguísticas do Português envolve reconhecer, também, que se trata de uma língua que ocupa um lugar de destaque no mundo atual, a par de outras línguas (cf. Macário, Sá & Gomes, 2015). De facto, a LP é atualmente falada em cinco continentes e detém grande potencial cultural (decorrente da miscigenação com culturas africanas, asiáticas e da América do Sul), económico (por estar associada a potências económicas atuais, como o Brasil ou Angola) e político (por ser língua de trabalho em diversas organizações internacionais). É neste contexto que surge o conceito de *lusofonia*, enquanto “conjunto de países e de povos cuja língua materna, corrente ou oficial, é o português” (Pereira, 2008, pp. 1-2). É o espaço linguístico e cultural da LP (Pinho & Ançã, 2015) e, nessa medida, ultrapassa os aspetos linguísticos comuns, pressupondo uma identidade cultural partilhada.

No universo atual das línguas, a LP assume uma posição *supercentral* (Calvet, 2002) por ser uma das mais faladas no mundo (em 37 países de 4 continentes, sendo língua oficial em 8 deles), por ocupar o 8.º lugar no PIB mundial e em número de internautas e ainda por ser a 6.ª língua mais utilizada em negócios e língua oficial, de trabalho ou de documentação em mais de 20 organismos multilaterais ou regionais (Calvet & Calvet, 2012; Lewis, Gary & Fenning, 2016; United Nations, 2013). O potencial económico atualmente atribuído à LP (Esperança, 2009; Reto, 2012) e o universo de falantes a ela associado (Reis, Laborinho, Leiria, Filipe & Pinheiro, 2010) favorecem a sua afirmação linguística, o que lhe confere estatuto de língua internacional (Marques & Sebastião, 2013). Ainda que uma língua não represente um valor efetivo em moeda, beneficia de economias de rede, ou seja, se tiver muitos utilizadores, cada um deles pode extrair benefício da sua partilha (Reto, 2012). Portanto, o valor económico da LP resulta do benefício que representa para os utilizadores, da diminuição dos custos de transação nas trocas comerciais e de organização nas

empresas transnacionais e ainda das oportunidades de desenvolvimento económico, social e cultural das comunidades lusófonas que cria (Reto, 2012).

No entanto, a LP é, por muitos, vista como objeto acessório e preterida em relação ao Inglês, nomeadamente em contexto académico (Pinto, 2012), havendo ainda uma tendência para a perspetivar de forma ego/eurocêntrica devido ao relativo desconhecimento do seu valor internacional (Ançã, Macário, Guzeva & Gomes, 2014; Sá, 2015, 2018a, 2018b).

Por conseguinte, a Educação em Português é essencial na afirmação da LP junto dos seus falantes. Para que os alunos dos vários níveis de ensino se apropriem desta forma de ver a LP, é importante atuar junto de quem é responsável pela sua educação, formação e instrução, isto é, os professores, desde a sua formação inicial.

Nesse percurso, os futuros profissionais de Educação orientam a sua ação didática com base em saber profissional, mas também em representações (Jodelet, 2007), que partilham com o grupo social e com o grupo profissional de que fazem parte e que vão sendo construídas e sedimentadas ao longo de toda a vida.

Efetivamente, o saber de senso comum, ou seja, as representações socialmente partilhadas são interpretações simbólicas da realidade, que abrem caminho para a compreensão dos fenómenos sociais. A Educação é um desses fenómenos, pelo que as representações sociais sobre esta se constituem a partir de múltiplas experiências vividas, entre as quais se contam as que acontecem dentro do próprio sistema educativo, com grande influência na produção de uma determinada cultura educativa. Por isso, não é de estranhar que essas representações influenciem os próprios procedimentos de ensino.

Os professores, enquanto atores do espaço educacional, partilham representações com a sociedade em geral, mas, também, com o grupo profissional em particular. Os referentes (modelos, valores, ideias, imagens) influenciam as suas ações e resultam quer da interação permanente com os demais indivíduos da sociedade, pares e os alunos, quer ainda da sua situação perante a instituição e a sociedade. Segundo Jodelet (2007), esses referentes são também influenciados pelas experiências vividas ao longo da sua formação escolar.

O conhecimento científico que se tem construído em torno da docência e que é revelado aos futuros professores, durante a sua formação inicial, não é o único fator orientador da sua futura ação educativa. O saber de senso comum (as representações sociais), em articulação com o saber construído no contexto da formação inicial, tem claras repercussões no quotidiano escolar futuro (Cunha, 2007). Logo, quando ingressam na formação inicial, os futuros professores têm um determinado modo de ver a profissão docente e a sua atuação. A integração do saber que venham a adquirir ao longo da formação irá depender, por um lado, das experiências vividas e, por outro,

do significado que atribuem a esse saber (Rodgers & Scott, 2008). Este conjunto de crenças progressivamente construídas influencia a interpretação e a valorização das experiências vividas na formação inicial, que poderão não sentir como relevantes e, portanto, não tomar como ponto de partida para atuar na prática profissional (Marcelo, 2009). Se forem representações muito fortes e estáveis, muito dificilmente a experiência de formação inicial conseguirá modificá-las e serão precisamente essas as representações a serem ativadas para solucionar os problemas com que se vierem a deparar no exercício da profissão (Tardif, 2003).

Na qualidade de docentes e investigadoras de instituições de Ensino Superior, temos atuado em vários cursos de formação de profissionais da Educação, nomeadamente na Licenciatura em Educação Básica (primeiro ciclo de estudos de Bolonha) e em cursos de segundo ciclo de estudos de Bolonha de natureza profissionalizante e académica (estes últimos destinados a docentes já profissionalizados). Nesses contextos, temos desenvolvido estudos que nos revelam que a vivência de experiências a que atribuem significado permite aos estudantes valorizar modos de atuação didática conducentes a uma efetiva aprendizagem por parte dos seus futuros alunos (Macário, Sá & Gomes, 2015; Sá, 2015, 2018b). Por esse motivo, defendemos que a formação de professores – particularmente no campo da Educação em Português – necessita de promover experiências de ensino que veiculem esta imagem da LP, para que estes profissionais da Educação possam desenvolvê-la, também, junto dos seus alunos.

Características do estudo

Nos últimos 5 anos, o Laboratório de Investigação em Educação em Português (LEIP), estrutura do Centro de Investigação *Didática e Tecnologia na Formação de Formadores*, tem desenvolvido estudos exploratórios sobre a importância da LP no mundo. O primeiro desses estudos, coordenado por Maria Helena Ançã, investigadora sénior desse laboratório, decorreu no ano letivo de 2012/2013, envolvendo – além da Universidade de Aveiro – duas outras universidades lusófonas – uma do Brasil e outra de Cabo Verde, daí resultando várias publicações (cf. Ançã, Guzeva, Gomes, Macário, Paiva & Ohuschi, 2013; Ançã *et al.*, 2014; Guzeva, Gomes, Macário Ançã, Paiva & Ohuschi, 2013)³.

Outros estudos se lhe seguiram: um, no 1.º semestre de 2013/14, em que participaram estudantes de um mestrado profissionalizante para formação de educadores de infância e professores do 1º Ciclo do Ensino Básico (cf. Macário *et al.*, 2015); outro, no 2.º semestre do mesmo ano letivo, desenvolvido com professores já profissionalizados a desempenhar funções em

³ Nesse primeiro estudo, apenas participou uma das signatárias deste artigo.

Bibliotecas Escolares e a frequentar um mestrado acadêmico (cf. Sá, 2015); um último (até ao momento), em que participaram estudantes de duas turmas de uma unidade curricular (UC) integrada no 2.º semestre do 1.º ano da Licenciatura em Educação Básica (Sá, Silva & Macário, 2018a).

Em comum, estes estudos têm o recurso a um mesmo questionário (Ançã, Macário & Guzeva, 2013), que permitia identificar as representações sobre a LP e incidia sobre os seguintes aspetos: i) línguas e LP, ii) internacionalização da LP e iii) valor da LP. Tivemos o cuidado de utilizar versões deste questionário tão semelhantes quanto possível nos diversos estudos, para podermos comparar as representações dos vários públicos-alvo e tirar conclusões sobre as semelhanças ou as diferenças entre elas. Mas, como é óbvio, foi preciso introduzir nele algumas alterações, para o adaptar ao público de cada estudo.

Adotámos, em todos estes estudos, uma abordagem de investigação qualitativa, com características de estudo de caso coletivo. Analisámos todos os dados recolhidos nestes vários estudos combinando estatística descritiva (frequências absolutas e relativas) e análise de conteúdo (cf. Bardin, 2007).

No presente trabalho, apresentamos o quarto estudo, que teve como participantes 85 estudantes de licenciatura (também futuros docentes de LP), através do qual pretendíamos determinar que representações sobre o Português europeu apresentavam face às suas variedades internacionais. Ao longo deste texto, quando apresentamos exemplos de respostas dadas pelos nossos inquiridos, usamos a sigla S – correspondendo a *sujeito* – seguida do número convencional que atribuímos a cada um dos respondentes. Logo, a sigla S1 designará uma resposta dada pelo primeiro respondente.

Resultados

Através das respostas dadas à primeira parte do questionário, pudemos caracterizar os inquiridos: tinham idades compreendidas entre os 18 e os 21 anos, eram naturais de Portugal Continental, onde estavam fixados, e reconheciam o Português como LM (à exceção de dois, que indicaram também o Francês/o Alemão).

Também queríamos saber quais as representações dos nossos inquiridos sobre os países integrados no mundo lusófono.

Os resultados permitiram-nos perceber que estes participantes tinham dificuldade em definir o conceito de *lusofonia* (Questão 3.1.), já que metade não respondeu à pergunta e uma boa parte das respostas dadas não se adequava ao que era pedido. Assim, só 10 inquiridos (correspondendo a 11,8%) deram respostas válidas. Analisando essas respostas, constatámos que a

maioria das definições de *lusofonia* apresentadas (63,6%) estava associada ao espaço geográfico (como se pode ver nos enunciados *É os países onde se fala o português.* – S11 – e *Países que falam a língua portuguesa.* – S70). O espaço humano e o espaço cultural (presentes nos enunciados *É o conjunto de algumas identidades culturais existentes em países, regiões e cidades falantes da língua como Portugal, Brasil, Angola e Cabo Verde.* – S34 – e *Falantes da língua portuguesa* – S75) foram bem menos valorizados (18,2% das ocorrências para cada categoria).

Também tinham dificuldade em definir o conceito de *comunidade de países de língua oficial portuguesa* (CPLP) (Questão 3.2): ao todo, só 28 inquiridos (correspondendo a 32,9%) deram respostas válidas.

Ora, esta dificuldade em lidar com o conceito de *lusofonia* não deixa de nos surpreender, dado, por um lado, o nível de conhecimento geral ou de senso comum que seria expectável que estudantes manifestassem à entrada no Ensino Superior e, por outro, o facto de o significado do termo poder ser etimologicamente recuperado a partir da decomposição da palavra no étimo *luso*, referente a *lusitano* (*português*) e no sufixo *-fonia*, relativo a som ou idioma oral.

Um retrato algo idêntico, no que respeita à dificuldade em reconhecer este conceito, foi já traçado numa investigação realizada no Brasil (Fiamoncine, 2015), tendo por objeto de estudo a perceção da lusofonia por alunos do ensino médio, com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos, integrados em duas realidades socioeconómicas distintas (uma escola particular, localizada num bairro de classe média alta, e uma outra, do ensino público, localizada num bairro da periferia de S. Paulo). Apesar das diferenças, em ambos os universos, o investigador (Fiamoncine, 2015, p. 90) verificou que: “Num primeiro momento de discussão, constatamos o que já esperávamos, os alunos pouco ou nada sabiam do termo Lusofonia e da relevância dos países de Língua Portuguesa; para eles era Brasil e Portugal.”

Quanto à definição de CPLP, pensamos que as frequentes referências a esta organização na comunicação social, nomeadamente aquando do seu maior protagonismo, face à defesa da implementação do Acordo Ortográfico, podem ter contribuído para estes resultados ligeiramente melhores. Neste caso, cremos que o facto de esta sigla ser de interpretação mais hermética justificará igualmente os resultados obtidos.

O questionário incidia ainda sobre o valor económico da LP, aspeto contemplado em duas perguntas (Questão 3.3. – *Indique o que entende por valor económico de uma língua.* e Questão 3.4. – *Exemplifique focando-se na língua portuguesa.*). No Quadro 1, apresentamos os resultados da análise das respetivas respostas:

Natureza das definições	N.º de ocorrências	%	Natureza das justificações	N.º de ocorrências	%
Poder económico	9	30,1	Poder económico	4	20,0
Poder político	7	23,3	Poder político	4	20,0
Divulgação	7	23,3	Divulgação	5	25,0
Cultura	4	13,3	Cultura	0	0
Número de falantes	2	6,7	Número de falantes	5	25,0
Comunicação	1	3,3	Comunicação	2	10,0
Total	30	100	Total	20	100

Quadro 1. Natureza das definições de *poder económico da LP* e das respetivas justificações

Constata-se que há algum desfasamento entre as definições e os exemplos apresentados.

Relativamente às definições, há três dimensões que são favorecidas, o que não é de surpreender, porque estão intimamente ligadas entre si: o poder económico, associado ao uso da LP em transações dessa natureza, nomeadamente comerciais (como se pode ver nos enunciados *Qual o valor que determinada língua tem em contextos económicos no mundo. – S7 – e A importância de a língua tem a nível económico [sic]. – S55*); o poder político (presente nos enunciados *A importância que essa língua tem no estrangeiro. – S25 – e Quanto vale uma língua em diversos países, a sua importância. – S49*); a divulgação (dimensão subjacente aos enunciados *Uma língua é exposta mundialmente e assim tem o seu reconhecimento a nível mundial. – S29 – e É o valor que a língua tem a nível de levar pessoas para esse país. – S80*).

No que concerne aos exemplos, foram valorizados quase *ex aequo*: o poder económico (referido nos enunciados *A língua portuguesa tem como moeda o euro, portanto é conhecida mundialmente dessa mesma forma. – S29 – e O português tem um valor económico relevante pois os países em que falam português (Brasil, Luanda) são países com grande riqueza e importantes a nível económico. [sic]. – S63*), sendo de referir o facto de, no primeiro enunciado, se associar esse poder à Europa (através da UE) e, no segundo, à África e à América do Sul; o poder político (presente nos enunciados *Sei que em Portugal é tudo feito em Português, mas nunca se fala de Portugal lá fora, nunca é em Português. – S7 – e A língua portuguesa não é tão importante como o inglês, tendo, por isso, então menos valor económico. – S53 – em que detetámos a ligação estabelecida entre o poder político e o poder económico, com contornos negativos para a LP); a divulgação e o número de falantes (subjacentes aos enunciados *Pouco valor económico, pois é raro o país do estrangeiro que compreende a língua portuguesa. – S5 – e Como a língua portuguesa é pouco falada no mundo, o seu valor económico é baixo. – S49*).*

Também quisemos saber se os nossos inquiridos consideravam que a LP é uma língua em crescimento e como justificavam a posição assumida (Questão 3.5. *Considera que o português é uma língua em crescimento? Justifique.*).

A maioria (51, correspondendo a 60%) deu resposta afirmativa à primeira parte da pergunta. No Quadro 2, figuram os resultados da análise das justificações apresentadas para cada tipo de resposta dada à segunda parte da mesma:

Tipo de resposta	Justificação	N.º de ocorrências	%
Sim	Crescimento económico	1	1,3
	Cultura	0	0
	Número de falantes	3	4,1
	Movimentos migratórios e deslocações	10	13,5
	Divulgação/expansão	19	25,8
	Ciberespaço	6	8,1
	Importância mundial	4	5,4
	Evolução da língua	22	29,8
Não	Demografia	0	0
Sim	Relevância	5	6,8
	Dificuldades de aprendizagem	1	1,3
	Adulteração da língua	1	1,3
	Perfeição da língua	1	1,3
	Desinteresse pelo ensino-aprendizagem de línguas	1	1,3

Quadro 2. Justificações associadas às representações sobre o crescimento do Português

Este quadro revela-nos que o crescimento da língua portuguesa é essencialmente associado a aspetos como: a evolução da língua (presente nos enunciados *Sim, todas as línguas estão em crescimento porque existem sempre palavras novas. – S20 –, Considero, uma vez que esta língua está em constante alteração nas regras de aplicação e em termos gramaticais também por isso mesmo, esta língua está em constante atualização e em crescimento de dia para dia. – S29 – e Sim, todas as línguas se encontram em crescimento. Com estrangeirismos e com o novo acordo ortográfico devido à globalização. – S67*), sendo curioso o facto de as inovações mencionadas se prenderem com o léxico (podendo os estrangeirismos funcionar como uma fonte de renovação), a gramática (associada a regras) e o AO (que, finalmente, é encarado de forma positiva, como um contributo para uma maior aceitação da LP, cuja ortografia é geralmente vista como difícil de aprender, sobretudo na sua variedade europeia); a divulgação/expansão da língua (como é comprovado pelos enunciados *Sim, porque muitos portugueses [sic] estão a emigrar e há muitos descendentes de portugueses noutros países que se preocupam com Portugal e as suas raízes e isso no futuro pode vir a ter muita influência no crescimento da língua. – S10 – e Sim, cada vez mais está em maior crescimento pois existe muita emigração. – S50*); os movimentos migratórios e deslocações (como se pode depreender dos

enunciados *Sim, sem dúvida, pois cada vez existe mais portugueses a procurarem outros países e que vão passando a sua língua materna.* – S12 – e *Sim, porque há cada vez mais portugueses a emigrar e então a língua cada vez mais vai passando para outros países.* – S79).

Os enunciados relacionados com as respostas negativas focaram-se sobretudo na (falta de) relevância da LP (como se pode ver, por exemplo, em *Na minha opinião a língua portuguesa apesar de ser falada em muitos países hoje em dia não está em crescimento como por exemplo a língua inglesa.* [sic] – S35 – e *Não. Porque somos um país pequeno e a nossa língua tem pouco valor.* – S77). Escolhemos estes enunciados, porque o primeiro se foca na tónica das línguas quase vistas como “francas” na sociedade atual (como é o caso do Inglês) e o segundo associa a pouca importância atribuída à LP ao facto de o seu país de origem ser pequeno. Estranhámos a associação da pouca importância da LP às reduzidas dimensões de Portugal, dado que, na Europa, existem outros países ainda mais pequenos (como a Bélgica e o Luxemburgo), que são muito importantes, em termos económicos e/ou políticos, e também porque o Português é falado em países grandes (como o Brasil e Angola, muito referidos por estes inquiridos nas respostas a perguntas anteriores). Aparentemente, para estes estudantes, o único Português que conta é o que é falado em Portugal.

Quando se lhes perguntou em que zonas a LP estaria em crescimento (cf. Questão 3.6. – *Se responder SIM à questão anterior, indique em que zonas/países a língua portuguesa está em crescimento.*), privilegiaram: a Europa (22, correspondendo a 28,6%), certamente a pensar nos emigrantes; a África (10, correspondendo a 12,9%), provavelmente tendo em mente as ex-colónias portuguesas nesse continente; a América do Sul (9, correspondendo a 11,7%), certamente a pensar no Brasil. Logo, a maioria dos nossos inquiridos via os países europeus como um potencial espaço geográfico de expansão da LM, provavelmente tendo em conta o recente fenómeno de emigração de pessoal qualificado para países da UE (como os enfermeiros, para o Reino Unido, por exemplo). Em concorrência com esses destinos, temos o Brasil e países africanos lusófonos (normalmente associados a emigrantes com menos qualificações, como, por exemplo, trabalhadores da construção civil).

Também quisemos determinar de que forma os nossos inquiridos situavam a LP no mundo do trabalho e como justificavam a resposta dada (cf. Questão 3.7. *Considera que, ao nível global, o domínio da LP pode ser uma oportunidade no mundo do trabalho? Justifique.*). O grosso das respostas dividiu-se pelo Sim (28, correspondendo a 32,9%) e pelo Não (37, correspondendo a 43,5%). Houve ainda um número considerável de estudantes que não respondeu (16, correspondendo a 18,8%). No Quadro 3, apresentamos os resultados da análise das justificações dadas:

Tipo de resposta	Justificação	N.º de ocorrências	%
Sim	Economia/negócios	6	7,4
	Número de falantes	2	2,5
	Movimentos migratórios e deslocações	10	12,3
	Divulgação/expansão	8	9,9
	Potencial humano	17	20,9
Não	Relevância	25	30,9
	Número de falantes	11	13,6
	Dificuldades de aprendizagem	2	2,5
Total		81	100

Quadro 3. Justificações das representações sobre a LP como oportunidade no mundo do trabalho

Na sua maioria, os inquiridos que viam o facto de falar Português como uma mais-valia no mundo do trabalho valorizavam aspetos como: o potencial humano (contemplado nos enunciados *Sim. Apesar de se pedir, cada vez mais, pessoas com autonomia na língua inglesa, também, noutros países se pedem pessoas com autonomia a nível de português. [sic] – S18 –, Sim, porque hoje em dia quem sabe muitas línguas tem vantagens. – S23 –, Claro que sim. Existem muitos países que falam a língua portuguesa como os PALOP e é uma oportunidade de conseguir trabalho. – S24 –, Sim, porque o continente africano está em crescimento e é um dos sítios onde mais se fala português. – S33 –, Sim, é benéfico saber a língua portuguesa pois em alguns países é utilizada e é sempre positivo a nível do mundo do trabalho saber mais línguas. – S48 – e Claro, os portugueses são muito bem recebidos no estrangeiro e devido à globalização cada vez mais se procura pessoas de nacionalidades diferentes. – S67), conjugando justificações de cariz mais atual, como a procura no mercado do trabalho e a vantagem em falar várias línguas (por oposição ao recurso a uma “língua franca”, que geralmente é o Inglês), com justificações mais tradicionais, como a valorização económica de países lusófonos (entre os quais se conta Angola); os movimentos migratórios e deslocações (presentes em enunciados como *Sim, porque cada vez mais existem portugueses a construírem negócios no estrangeiro, o que contribui para a expansão do domínio da língua portuguesa. [sic] – S41 – e Sim, porque existem muitos portugueses espalhados pelo mundo. – S50); a divulgação/expansão da LP (visível em enunciados como *Sim. Para além de quanto maior o número de línguas dominadas melhor para o enriquecimento de cada um, o português já é uma língua falada não só no seu país. – S29 – e Sim, porque no estrangeiro eles já começam a valorizar esse aspeto. [sic] – S56).***

Para concluir a terceira parte do questionário, dedicada à internacionalização da LP, pretendíamos saber a opinião dos nossos inquiridos sobre a importância da imigração e do turismo para o crescimento da mesma no espaço lusófono, em geral, e em Portugal, em particular (na Questão 3.10 – *Qual o contributo dos imigrantes e do turismo para o desenvolvimento/crescimento da língua portuguesa, em Portugal, e nos “países lusófonos”?*). Aqui o número de inquiridos que deram resposta

afirmativa (38, correspondendo a 44,7%) rivaliza com o dos que não responderam (34, correspondendo a 40%), havendo muito poucas respostas negativas (3, correspondendo a 3,5%). No Quadro 4, apresentamos os resultados de uma segunda análise, centrada nas áreas em que esses contributos se poderiam situar:

Justificação	N.º de ocorrências	%
Divulgação/expansão	25	40,3
Evolução da língua	2	3,2
Interculturalidade	12	19,4
Valorização	13	21,0
Número de falantes	7	11,3
Utilização da língua	1	1,6
Economia/sociedade	2	3,2
Total	62	100

Quadro 4. Áreas de contributo da imigração e do turismo

Este quadro revela que os contributos esperados tinham mais a ver com aspetos que podiam afetar diretamente a língua: a sua divulgação (visível nos enunciados *Os imigrantes têm um grande contributo uma vez que, dependendo do tempo que cá ficam, aprendem algo da Língua Portuguesa e a transmitem aos seus países de origem.* – S25 –, *Na minha opinião os imigrantes passam a falar a nossa língua e adequam a vida deles à nossa cultura, logo, quando voltam para o seu país de origem levam um pouco da nossa cultura e no meio onde vivem ensinam português. O mesmo pode acontecer com os turistas.* – S35 – e *Os imigrantes e o turismo têm contribuído muito pois os imigrantes levam a nossa língua para os outros países e os turistas também levam o que entenderam da nossa língua.* [sic] – S80); a divulgação da cultura a ela associada, alternando enunciados “patrióticos” centrados numa desejada hegemonia da língua portuguesa (tais como *O objetivo é essas pessoas ficarem a conhecer os nossos costumes e investirem no nosso país.* – S20 –, *Na minha opinião os imigrantes passam a falar a nossa língua e adequam a vida deles à nossa cultura, logo, quando voltam para o seu país de origem levam um pouco da nossa cultura e no meio onde vivem ensinam português. O mesmo pode acontecer com os turistas.* – S35 – e *Será um bom contributo pois passará a mensagem da nossa cultura ainda alguns feitos em dadas áreas.* – S55) e enunciados que valorizam a interculturalidade (como, por exemplo, *É muito importante pois aprendemos com eles e eles conosco e passam a cultura para o seu país e onde vão.* [sic]I – S30 –, *Trazem-nos costumes, novas tradições, contribuem para uma melhor economia.* – S53 – e *Interligação de culturas, costumes, tradições é muito importante para o crescimento de um país.* [sic] – S62); a sua maior valorização fora do país (como se pode ver nos enunciados *Expansão da língua portuguesa e da nossa cultura.* – S31 – e *Penso que assim se conseguirá promover mais o país chamando a atenção das pessoas do que temos de melhor em Portugal.* [sic] – S47). Os nossos inquiridos não pareciam associar esse contributo ao incremento da economia: só 2 (correspondendo a 3,2%) referem esse aspeto.

Apesar de este nosso estudo não ter abordado o estatuto socioeconómico ou cultural de proveniência dos participantes no estudo, combinando as respostas dadas com o nosso conhecimento dos inquiridos, podemos perceber uma generalizada falta de experiências, nas suas vivências culturais e sociais, que lhes permitiriam, eventualmente, ter uma outra perceção da LP nas diferentes facetas que a mesma assume, quer ao nível linguístico, cultural, geográfico e histórico, quer ao nível ideológico/político e económico.

As suas representações sobre a sua LM revelam uma grande falta de informação sobre a mesma, o que justifica uma intervenção no contexto académico que apoie a construção, por parte destes estudantes, futuros educadores e professores, de um mais sólido e adequado sistema de representações identitárias e culturais enquanto falantes da LP e docentes dessa mesma língua.

Conclusões

Este estudo permitiu-nos perceber que os nossos inquiridos se focam sobretudo no espaço nacional, para apoiar os seus conhecimentos sobre a LP. De facto, as definições de *lusofonia* apresentadas estavam maioritariamente ligadas ao espaço geográfico de Portugal (nomeadamente continental). Por conseguinte, embora reconhecessem que o Português é usado como língua oficial noutros países, espalhados pelo mundo – nomeadamente quando atribuíam à LP um poder económico e político e uma taxa de divulgação que só fazem sentido se pensarmos em potências emergentes, como o Brasil ou Angola, e no número de falantes do Português que vivem no seu território – consideravam essas variantes como “impuras”.

Os participantes no estudo a que se refere este texto viam a LP como uma mais-valia, tendo em conta o número de pessoas que a falam no mundo e a possibilidade de encontrarem emprego nesses países, que muitos cidadãos portugueses andam a explorar, neste momento de crise económica nacional.

Ainda, identificavam a divulgação da língua como decorrente de movimentos migratórios e deslocações, sendo que os respondentes que lhe negavam essa dimensão se justificavam evocando sobretudo a sua falta de relevância no mundo atual.

De um modo geral, revelavam um grande desconhecimento da sua LM, envolvendo aspetos como a posição que ocupa no mundo do séc. XXI (balançando entre, por um lado, um otimismo ligado ao apreço que atribuíam à antiguidade histórica e cultural da LP e, por outro, um pessimismo decorrente da sua visão negativa da relevância da sua LM na atualidade), o reconhecimento da existência de variedades (dentro e fora dos limites de Portugal) e da sua legitimidade (referindo-se frequentemente a uma “pureza” do Português europeu que curiosamente associavam à preservação do contacto com outras línguas).

Essas representações sobre a LM revelam um desconhecimento de aspetos linguísticos, culturais, histórico-geográficos e ideológicos que comprometem um adequado desempenho das funções docentes. Além disso, a desvalorização da LM que nelas está implicada põe em causa a afirmação da própria identidade linguística e social de cada indivíduo. Mais do que um mero veículo de transmissão da informação, a língua é um dos elementos que constrói a identidade social de cada um de nós, na forma como nos reconhecemos e aceitamos, respeitando o outro na heterogeneidade que nos caracteriza enquanto falantes de um mesmo idioma.

A realidade revelada por este estudo e os que o antecederam parece-nos apontar para graves problemas, não só no que diz respeito à adaptação destes inquiridos à sociedade do séc. XXI, como ainda ao papel que o ensino e aprendizagem da LM podem desempenhar nesse contexto. Não podemos esquecer que a adaptação a uma sociedade cada vez mais globalizada é uma das prioridades da Educação do séc. XXI, o que, a nível internacional, é sublinhado pelas políticas europeias (Conselho da Europa, 2010; European Commission, 2018) e, a nível nacional, pelo mais recente documento regulador das políticas educativas – o *Perfil dos alunos para o séc. XXI* (Martins *et al.*, 2017), focado no desenvolvimento de competências que tornem os cidadãos responsáveis em termos locais/nacionais/globais.⁴

Partindo do perfil dos estudantes traçado a partir deste estudo, defendemos que a formação de professores não poderá continuar a ignorar que a sociedade do séc. XXI não é estável, monocultural e linguisticamente homogénea (se é que alguma vez o foi). Face a esta realidade, o professor, nomeadamente de LP, necessita de mobilizar um conjunto de conhecimentos e competências, que passam pela sensibilidade à variação inerente a qualquer sistema linguístico (de natureza intraindividual e interindividual) e pelo conhecimento do que distingue linguisticamente variedades entre si, para poder não só reconhecê-las, descrevê-las e analisá-las, como ainda agir em conformidade com esse conhecimento.

Confrontadas com estes dados, temos como objetivo adotar uma abordagem ao nível do ensino que nos permita assegurar que os universos socioculturais e linguísticos destes alunos, futuros docentes, sejam ampliados. Partindo das lacunas detetadas, pretendemos identificar as potencialidades que estas situações apresentam, na formação de professores, nomeadamente daqueles estudantes cujos universos socioculturais e linguísticos conduzem a situações de maior risco de insucesso escolar e de recurso a práticas pedagógicas mais limitadas e menos desafiantes do que seria desejável. Por isso, é importante envolver os estudantes na coconstrução de conhecimento, que lhes permita (re)pensar cenários educativos e estratégias didáticas que

⁴ É de referir que uma das signatárias deste texto tem vindo a explorar estas relações no âmbito de outros estudos promovidos no Laboratório de Investigação em Educação em Português (LEIP) da Universidade de Aveiro (Sá & Mesquita, 2018a, 2018b).

correspondam a objetivos de educação conducentes à formação de cidadãos ativos e informados do seu papel na sociedade. Nessa medida, a formação de professores poderá apostar em modelos de formação colaborativos, na senda dos pilares estruturantes do Processo de Bolonha, semelhantes aos propostos por Macário, Sá e Gomes (2015), em que, através de um fórum de discussão *online* denominado *Transversalidades* (Sá & Macário, 2014), os estudantes refletem e coconstroem estratégias centradas na promoção da língua portuguesa no panorama mundial.

Em jeito de conclusão, cabe dizer-nos que mais do que salientar e procurar explicações para as lacunas e distorções que estas representações sobre a LP encerram, estes resultados alertam-nos para problemas que não poderemos ignorar e encorajam-nos, enquanto formadoras de futuros professores, a integrar na formação de nível superior destes estudantes experiências que constituam outras tantas oportunidades de desenvolver e aprofundar conhecimentos, competências e uma sensibilidade para a sociedade multicultural e multilingue que uma vivência sociocultural mais consciente e uma escolaridade de doze anos poderiam ter assegurado de forma mais capaz e generalizada.

Referências bibliográficas

- Ançã, M. H., Guzeva, T., Gomes, B., Macário, M. J., Paiva, Z., & Ohuschi, M. (2013). Língua portuguesa e lusofonia: na voz de universitários portugueses e brasileiros. In *Atas do XX Colóquio da Lusofonia* (p. 158-163). Seia: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.
- Ançã, M. H., Macário, M. J., & Guzeva, T. (2013). *Questionário "Educação em Português: promoção e difusão da língua."* CIDTFF/LEIP (documento não publicado).
- Ançã, M. H., Macário, M. J., Guzeva, T., & Gomes, B. (2014). O papel da educação em português na promoção e difusão da língua – um estudo com um grupo de estagiárias. *Revista Lusófona de Educação*, 27(27), 93-108.
- Bardin, L. (2007). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Buescu, H. C., Morais, J., Rocha, M. R., & Magalhães, V. F. (2015). *Programas e Metas Curriculares de Português - Ensino Básico - 1º, 2º e 3º Ciclos*. Lisboa: Ministério da Educação e da Ciência.
- Calvet, A., & Calvet, L. J. (2012). *Baromètre Calvet des langues du monde*. Disponível em: <<http://wikilf.culture.fr/barometre2012/>>.
- Calvet, L., J. (2002). *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*. Disponível em: <<http://www.gerflint.fr/Base/Chili1/Calvet.pdf>>.
- Comissão Europeia (2007). *Competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida. Quadro de referência europeu*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
- Conselho da Europa (2010). *Guia prático para a educação global: um manual para compreender e implementar a educação global*. Lisboa: Centro Norte-Sul da Europa. Disponível em: <http://nscglobaleducation.org/images/Resource_center/GE_Guidelines_Portuguese.pdf>.
- Cunha, A. C. (2007). *Formação de professores. A investigação por questionário e entrevista: um exemplo prático*. Vila Nova de Famalicão: Editorial Magnólia.
- Esperança, J. P. (2009). *Uma abordagem eclética do valor da língua: o uso global do Português*. Lisboa: ISCTE/Instituto Camões.
- European Commission. (2018). *Proposal for a Council Recommendation on Key Competences for Lifelong Learning*. Brussels: European Commission. Disponível em : <<http://ec.europa.eu/transparency/regdoc/rep/1/2018/EN/COM-2018-24-F1-EN-MAIN-PART-1.PDF>>.

- Fiamoncine, L. M. (2015). *A percepção de lusofonia entre alunos do ensino médio de realidades sociais diferentes* (Tese de Doutorado em Letras). Universidade Mackenzie de São Paulo, São Paulo.
- Guzeva, T., Gomes, B., Macário, M. J., Ançã, M. H., Paiva, Z., & Ohuschi, M. (2013). Língua portuguesa no ciberespaço: difusão, crescimento e valores. In *Atas do XX Colóquio da Lusofonia* (p. 164-173). Seia, PT: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.
- Jodelet, D. (2007). Contribuições das representações sociais para a análise das relações entre educação e trabalho. In L. Pardal, A. Martins, C. Sousa, A. del Dujo, & V. Placco (Ed.), *Educação e trabalho: representações, competências e trajetórias* (p. 11-25). Aveiro: Universidade de Aveiro/Departamento de Ciências da Educação.
- Lewis, M. P., Gary, F. S., & Fenning, C. D. (2016). *Ethnologue: languages of the world, seventeenth edition*. Disponível em: <<http://www.ethnologue.com/statistics/size>>.
- Macário, M. J., Sá, C. M., Gomes, B. (2015). Promoção da língua portuguesa no mundo através da sua abordagem transversal: um estudo na formação inicial de professores. *Revista da UIIPS*, V3(6), 370-384. Disponível em: <<http://ojs.ipsantarem.pt/index.php/REVUIIPS/issue/view/8>>.
- Marcelo, C. (2009). Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. *Sísifo. Revista das Ciências da Educação*, 8(1), 7-22.
- Marques, I. S., & Sebastião, I. (2013). O papel dos manuais escolares no processo de sensibilização à diversidade e variação linguísticas. In M. Teixeira, L. Santos, I. Silva, & E. Mesquita (Ed.), *Encontros da língua portuguesa: ensinar e aprender português num mundo plural* (pp. 137-172). Santarém: Escola Superior de Educação de Santarém/Universidade Federal Uberlândia.
- Martins, G. d'O., Gomes, C. S., Brocardo, J. M., Pedroso, J. V., et al. (2017). *Perfil dos alunos para o séc. XXI*. Lisboa: Ministério da Educação. Disponível em: <https://dge.mec.pt/sites/default/files/Noticias_Imagens/perfil_do_aluno.pdf>.
- Pereira, D. (2008). *O conceito de lusofonia e a cooperação na promoção e difusão da língua portuguesa – tópicos de intervenção*. Disponível em: >https://www.cplp.org/Files/Filer/cplp/Domingos_Simoes_Pereira/Discursos_DSP/SE_TNOVAS_13NOV08.pdf<.
- Perrenoud, Ph. (1999). *Dix nouvelles compétences pour enseigner*. Paris: ESF.
- Pinho, J., & Ançã, M. H. (2015). A lexicultura na valorização e promoção da língua portuguesa. In M. H. Ançã, & M. J. Macário (Orgs.), *A promoção da língua portuguesa e a educação linguística* (p. 27-43). Aveiro, PT: UA Editora.
- Pinto, S. M. A. (2012). *As línguas na universidade de Aveiro: discursos e práticas*. Tese de doutoramento. Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Reis, C., Laborinho, A. P., Leiria, I., Filipe, M., & Pinheiro, F. (2010). *A internacionalização da língua portuguesa. Para uma política articulada de promoção e difusão*. Lisboa: GEPE.
- Reto, L. (2012). *Potencial económico da língua portuguesa*. Lisboa: Texto.
- Rodgers, C. R., & Scott, K. H. (2008). The development of the personal self and professional identity in learning to teach. In M. Cochran-Smith, S. Feiman-Nemser, D. J. McIntyre, & K. E. Demers (Ed.), *Handbook of research on teacher education. Enduring questions in changing contexts* (pp. 732-755). New York: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Sá, C. M. (2015). Transversalidade da língua portuguesa e sua promoção no mundo: reflexões sobre a sua abordagem na formação de professores. In M. H. Ançã e M. J. Macário (2015). *A promoção da língua portuguesa e a educação linguística*. (pp. 133-159). Coleção “Cadernos do LEIP”, Série “Temas”, nº 4. Aveiro: UA Editora.
- Sá, C. M. (2018a). Promoção da língua portuguesa no mundo através da sua abordagem transversal: um estudo na formação contínua pós-graduada de professores. *Palavras*, 52-53, 63-72.
- Sá, C. M. (2018b). Promoção da língua portuguesa no mundo através da sua abordagem transversal: um estudo na formação de profissionais da Educação. In *Atas do VI SIMELP*. Santarém: Escola Superior de Educação [no prelo].
- Sá, C. M. & Macário, M. J. (2014). *Transversalidades*: Fórum de discussão online não publicado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Sá, C. M. & Mesquita, L. (2018a). *Conceptions of future teachers on global education and its implementation*. Comunicação apresentada no TEPE 2018, 17 a 19 de maio de 2018, Universidade do Minho, Braga (Portugal).
- Sá, C. M. & Mesquita, L. (2018b). Desempenho de futuros professores na planificação de situações de ensino/aprendizagem do Português à luz da educação global. *Indagatio Didactica*, 10 (1), 63-82. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/10904>>.

- Sá, C. M., Silva, C. V. & Macário, M. J. (2018a). Representações sobre a língua portuguesa e sua promoção no mundo por futuros profissionais da Educação em formação. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, vol. 40. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/acta>> [Doi: 10.4025/actascilangcult.v40i1.35286]
- Sá, C. M., Silva, C. V. & Macário, M. J. (2018b). Estatuto do Português no mundo atual: reflexões sobre a sua abordagem na formação de futuros profissionais da Educação. In *Atas do VI SIMELP*. Santarém: Escola Superior de Educação [no prelo].
- Tardif, M. (2003). Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*, 13(1), 5-24.
- United Nations (2013). *World Population prospects, the 2012 revision*. Disponível em: <http://esa.un.org/unpd/wpp/unpp/panel_population.htm>.
- World Economic Forum. (2016). *New vision for education: fostering social and emotional learning through technology*. Disponível em: <http://www3.weforum.org/docs/WEF_New_Vision_for_Education.pdf>.